

RELAÇÕES FEMININAS EM *THE COLOR PURPLE*

Eliane Borges Berutti

Resumo: No prefácio da antologia Chloe Plus Olivia : An Anthology of Lesbian Literature from the Seventeenth Century to the Present, a editora Lillian Faderman chama a atenção para a necessidade de dar visibilidade às relações femininas. Seguindo a proposta de Faderman, este artigo aborda o romance premiado de Alice Walker, enfatizando a relação entre Celie e Shug.

Palavras-chave: Lesbianismo, Negritude, Alice Walker

No prefácio da antologia *Chloe Plus Olivia: An Anthology of Lesbian Literature from the Seventeenth Century to the Present*,¹ a editora Lillian Faderman chama a atenção para a necessidade de dar visibilidade às relações femininas. Ao tratar de relações emocionais e físicas entre Celie e Shug, a escritora afro-americana Alice Walker vai de encontro ao preconceito, apresentando essa questão polêmica em *The Color Purple*. Seguindo a proposta de Faderman, este artigo aborda o romance premiado de Walker (Pulitzer de ficção de 1983), enfatizando o lesbianismo negro.

The Color Purple narra a trajetória de Celie, através de uma forma epistolar. Pode-se considerar a protagonista como um espelho das mulheres negras e pobres, pois sua condição traduz a indiferença e o maltrato por que as mulheres passavam na comunidade afro-americana na primeira metade do século XX. Pertencendo a uma família pobre, onde aprendeu a se manter viva ficando cala-

da, Celie escreve cartas a Deus, por medo e vergonha de revelar a "verdade" para alguém. Nas primeiras páginas do romance, a situação cruel em que vivia na sua família é apresentada: aos 14 anos de idade, foi estuprada várias vezes por seu suposto pai que, na realidade, era seu padrasto. Seus dois filhos, frutos do estupro, foram mortos por ele, ou vendidos, para ocultar a relação ilícita. Sua mãe morreu de desgosto, amaldiçoando-a, pois suspeitava do que estava acontecendo.

Ao ser negociada por seu padrasto para casar-se com um homem que, de fato, estava apaixonado por sua irmã Nettie, Celie inicia uma outra fase de sua vida. Entretanto, essa fase de mulher casada acarretou-lhe mais atribulações do que tinha na de solteira. Deve-se ressaltar que Mr. estava mais interessado em seu dote, uma vaca, do que na esposa em si. A protagonista passou o dia de seu casamento cuidando dos filhos de seu marido viúvo, com sua cabeça ensan-

güentada em consequência de uma pedrada que levou de um deles. Na noite de núpcias, quando eles faziam sexo ela ouviu as crianças chorando. “Mas eu não choro”, ela comenta. “Eu fiquei lá pensando na Nettie com ele em cima de mim, será que ela está bem?” (WALKER, 1991). A relação sexual do casal não melhora com o tempo; reduz-se a um ato mecânico, executado sem emoção nem paixão:

A maioria das vezes eu finjo que não estou lá. Ele nunca sabe a diferença. Nunca me pergunta como eu sinto, nada. Só faz o que tem que fazer e vai dormir (p. 68).

Quando Celie revela posteriormente a Shug as condições do ato sexual do casal, a segunda conclui – Albert vai no banheiro em Celie. O marido faz uso do corpo da esposa como se fosse uma privada, onde ele descarrega suas necessidades fisiológicas.

Ser negra, pobre, feia e mulher anula Celie completamente. Segundo afirmação de Mr- : “Você não é nada.” (p.176) Personificando as mulheres de sua condição no sul dos EUA, Celie era totalmente excluída da comunidade branca e machista. Sua função no casamento sem amor reduz-se a de uma empregada - ela executa todas as tarefas domésticas e cuida dos filhos de seu marido, sem vislumbrar uma possibilidade de mudança em sua situação. Mr. era violento, batendo-lhe com frequência como fazia com as crianças.

Tudo o que posso fazer é não chorar. Me torno madeira. Digo para mim mesma, Celie, você é árvore. É por isso que sei porque as árvores temem os homens (p. 22).

Celie elege o silêncio, a obediência e a indiferença como formas de sobrevivência. Sua relação com seu marido

pode ser comparada a de senhor/escravo, já que ele a trata como tal.

A protagonista do romance de Walker revela a condição de ser “mula do mundo” (“the mule of the world”) ao carregar um fardo pesado. Essa expressão, cunhada pelo folclore, reflete a dupla condição de exclusão da mulher negra e pobre na sociedade norte-americana. Em primeiro lugar, a negritude lhe confere uma posição de exclusão da sociedade branca racista. Cabe lembrar que os afro-americanos somente tornaram-se cidadãos em 1964 com a promulgação da Lei dos Direitos Civis (SYRETT, 1988), conquista do movimento dos direitos civis. Em segundo lugar, o gênero acrescenta um estigma de ser inferior já que os próprios afro-americanos discriminavam suas mulheres como seres inferiores compartilhando de uma visão heterossexual.

Pode-se acrescentar que outras personagens masculinas também são retratadas como representantes da sociedade patriarcal no romance. Tal é o caso do filho de Albert, Harpo. Herdeiro de uma tradição heterossexual e sexista, Harpo também tenta fazer de Sofia sua escrava, porém não consegue. Sofia rebela-se contra sua condição de ser inferior, não obedecendo Harpo. A própria Celie, que havia internalizado as regras do patriarcado, aconselha seu enteado a bater em sua esposa. No entanto, ao invés da atitude submissa das mulheres de sua comunidade, Sofia dá uma surra no marido, separando-se posteriormente.

Fazendo uma avaliação de sua vida, Celie conclui:

Minha vida parou quando saí de casa, eu penso. Mas depois eu penso de novo. Parou com Mr. talvez, mas começou de novo com Shug (p. 72).

Shug Avery era a amante de seu marido por quem Celie se apaixonou, formando um triângulo amoroso. A relevância da relação de amor entre as duas personagens não deixa dúvidas quanto à sexualidade enfatizada em *The Color Purple*. Celie somente atinge sua plenitude através do amor por uma outra mulher.

Em uma de suas primeiras cartas a Deus, ela revela sua forte relação com as mulheres e o medo que sente pelos homens: “Eu nem olho pros homens. Essa é a verdade. Eu olho pras mulheres porque eu não tenho medo delas.” (p. 7) Sem temer as mulheres, Celie desenvolve uma relação com Shug que transforma sua vida. Através da cantora de *blues*, a protagonista descobre a beleza, a sexualidade, o amor, a criatividade e o trabalho. E, o mais importante, descobre-se enquanto ser humano. Contudo, para que isso aconteça, Celie sofre um processo drástico de mudança. Ao alimentar e dar vazão ao ódio a seu marido por não apenas tê-la maltratado durante todos os anos do casamento mas, principalmente, por tê-la separado de sua irmã Nettie, Celie quase o mata com a navalha que utiliza para barbeá-lo. Ao invés de destruí-lo e destruir-se, Celie separa-se do marido, indo morar em Memphis com Shug Avery. Completamente diferente da relação heterossexual que prescrevia os papéis de senhor/escrava, a relação entre as duas mulheres é baseada em amor e apoio emocional. Quando, por exemplo, Celie se oferece a cuidar de Shug em suas turnês, ela responde:

Você não é minha empregada. Não te trouxe para Memphis para isso. Te trouxe aqui para te amar e te ajudar a ser independente (p. 179).

Naquela cidade Celie aprende entre outras coisas, a arte da costura, afirmando-se como pessoa e mulher. Com a ajuda de Shug, ela troca um instrumento de destruição – a navalha – por um instrumento de criação – a agulha.

Torna-se imprescindível neste estudo fazer um comentário sobre o título do romance em questão. Celie somente pôde adquirir seu primeiro vestido após seu casamento. Acompanhada de sua cunhada, na ocasião, ela pensou em sua cor predileta, púrpura. Entretanto, apenas conseguiu imaginar Shug Avery, a cantora famosa considerada uma rainha, vestida com essa cor. Devo lembrar aqui que a cor púrpura era somente permitida, segundo a tradição, para a realeza e a igreja. Contudo, a protagonista não conseguiu transmitir à cunhada seu desejo e terminou comprando uma fazenda azul para seu primeiro vestido. No final do romance, Celie decorou seu quarto com sua cor predileta. Sua trajetória levou-a a conquistar a posição de rainha, pois conseguiu transformar-se, ter uma atividade criativa, amar e ser amada. A cor púrpura simboliza o poder conquistado, poder esse que havia sido negado pelos homens não apenas a ela mas também à demais mulheres negras de sua comunidade.

Cumpra assinalar que *The Color Purple* permite diversas abordagens, como pode ser constatado em *Bloom* (1988). Sob minha ótica, o romance premiado de Alice Walker ressalta o lesbianismo negro como resposta à opressão social oriunda não apenas da negritude mas também da condição de mulher. Gostaria de, neste momento do artigo, discutir algumas idéias referentes à questão do lesbianismo negro. Vickie M. Mays, professora de psicologia clínica da UCLA, chama a atenção para a predom-

minância de comunidades de lésbicas-feministas brancas em detrimento de mulheres de cor no ensaio intitulado “I Hear Voices But See No Faces: Reflections on Racism and Woman-Identified Relationships of Afro-American Women”. De acordo com a professora,

minha premissa básica é de que o clima gerado pela filosofia euro-americana de capitalismo, racismo e patriarcalismo manteve a lésbica afro-americana invisível (MAYS, 1997, p. 478).

Em seu ensaio, Vickie Mays mostra as diferenças entre as lésbicas euro-americanas e afro-americanas, apontando a invisibilidade gerada pela própria cultura afro-americana.

Já Gregory Conerly em “The Politics of Black Lesbian, Gay, and Bisexual Identity”⁶ aprofunda, a meu ver, a complexidade dessa questão sexual/política. Conerly abre seu ensaio com uma pergunta crucial que irá nortear toda sua discussão: o que vem em primeiro lugar a negritude ou o lesbianismo? Em outras palavras, você se considera uma *black-identified lesbian* ou uma *lesbian-identified black*? Não se trata de uma mera questão de estilo ou apenas um trocadilho. A posição do adjetivo que vai presidir a escolha engloba uma questão de identidade. Para algumas mulheres, ser negra vem em primeiro lugar. Para outras, a opção sexual define sua posição política/social. Nos Estados Unidos, negritude e lesbianismo nem sempre são compatíveis, uma vez que as identidades sexuais e raciais/étnicas compartilham de políticas diferentes. A comunidade afro-americana é basicamente heterossexual, marginalizando relações *same-sex oriented*; a comunidade lésbica é predominantemente branca e de classe média, não abrindo espaço para mulheres negras e de baixa renda. Por conseguinte, tor-

nou-se necessária a criação de um movimento de feministas negras em prol de suas reivindicações. Faz-se necessário assinalar que os *gays* negros também sofrem de discriminações nas duas comunidades – a afro-americana heterossexual e homofóbica e a *gay* branca e racista. Cabe aos *gays* a escolha entre duas opressões – racismo ou homofobia? Contudo, gostaria de acentuar que as lésbicas negras sofrem de múltiplas opressões, já que além das duas anteriormente citadas são também vitimizadas por serem mulheres. É interessante observar como Gregory Conerly comenta essa questão de identidade lésbica envolvendo três escritoras afro-americanas famosas – Audre Lorde, Jewelle Gomez e Ann Allen Shockley. Em um ensaio sobre literatura negra lésbica, a segunda escritora elogia o livro *Zami: A New Spelling of My Name*, de Audre Lorde, porque a autora aloca o tema do lesbianismo negro dentro da comunidade negra. Conerly critica a visão de Gomez, pois a própria Lorde admite que somente afirmou sua sexualidade depois de abandonar a comunidade negra em que cresceu e começou a viver no Greenwich Village, bairro predominantemente branco nos anos 50. Jewelle Gomez avalia de forma negativa Ann Allen Shockley em seu romance *Say Jesus and Come to Me* por não representar lésbicas negras em seu “contexto cultural apropriado”. Em contrapartida, a própria Shockley defende a posição de que escritoras negras necessitam do apoio de sua comunidade negra para lutarem contra o racismo opressor. A mesma escritora negra não concorda com a escritora branca Rita Mae Brown ao retratar em seu romance *In Her Day* uma lésbica negra por falar, agir e pensar como uma branca, sem ligações com negros. Gregory Conerly conclui que Shockley e outras escritoras não admitem uma lésbica negra que demonstre padrões de comportamento

euro-americanos, mesmo quando um número cada vez maior de mulheres negras está abandonando sua comunidade nos Estados Unidos. “Como resultado, as vidas de *lesbian-identified blacks* são apagadas – assim como a diversidade entre afro-americanos – e uma vida de *black-identified lesbian* é apresentada como a única maneira viável de ser uma lésbica afro-americana.”

O movimento de feministas negras acima mencionado por Conerly produziu, em 1977, um documento conhecido por “A Black Feminist Statement”. Neste documento, quatro tópicos são discutidos, a saber – a gênese do feminismo negro contemporâneo, o que acreditam, os problemas em organizar feministas negras e, por fim, questões feministas negras e prática. The Combahee River Collective acredita na interligação dos sistemas de opressão:

A declaração mais geral de nossa política no momento presente seria que nós estamos ativamente empenhadas em lutar contra a opressão racial, sexual, heterossexual, e de classe e vemos, como nossa tarefa particular, o desenvolvimento de análise e prática integradas baseado no fato de que os maiores sistemas de opressão estão interligados (The Combahee River Collective apud NARDI e SCHNEIDER, 1998).

As feministas negras afirmam que, ao contrário das lésbicas brancas separatistas, precisam dos homens negros para lutarem juntos contra o racismo, apesar de também lutarem contra o sexismo.

Considero pertinente finalizar este artigo que ressalta o lesbianismo negro em *The Color Purple*, dando a palavra, ao invés de Walker, a Audre Lorde. No ensaio “I’m Your Sister: Black Women Organizing across Sexualities”, a escritora e ativista afro-americana argumenta:

Quando digo que sou uma feminista negra, quero dizer que reconheço que meu poder assim como minhas opressões primárias são resultado de minha negritude assim como de minha condição de mulher, portanto, minhas lutas nessas duas frentes são inseparáveis. Quando digo que sou uma lésbica negra, quero dizer que sou uma mulher cujo foco primário de amor, físico assim como emocional, é dirigido às mulheres ... Havia um *poster* nos anos 60 que era muito popular: ELE NÃO É NEGRO, ELE É MEU IRMÃO! Aquilo me enfurecia porque dizia que os dois eram mutuamente exclusivos – *ele* não podia ser ao mesmo tempo irmão e negro. Bem, eu não quero ser tolerada, nem rotulada de uma maneira errada. Eu quero ser reconhecida. Eu sou uma lésbica negra, e eu *sou* sua irmã (LORDE apud BLASIUS, p. 475-476).

Abstract: In the preface to the anthology Chloe Plus Olivia : An Anthology of Lesbian Literature from the Seventeenth Century to the Present, Lillian Faderman points out that it is necessary to give visibility to woman’s relationships. Following Faderman’s proposal, this article discusses Alice Walker’s acclaimed novel, focusing on the relationship between Celie and Shug.

Keywords: Lesbianism, Blackness, Alice Walker.

Nota

¹ Outras citações deste romance referem-se a esta edição e estão indicadas no texto pelo número de página.

Referências

BLOOM, Harold, ed. *Alice Walker*. New York: Chelsea House Publishers, 1988.

CONERLY, George. 'The Politics of Black Lesbian, Gay, and Bisexual Identity'. In: BEEMY, Brett & ELIASON, Mickey, ed. *Queer Studies: A Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Anthology*. New York: New York University Press, 1996. p. 133-145.

FADERMAN, Lillian, ed. *Chloe Plus Olivia: An Anthology of Lesbian Literature from the Seventeenth Century to the Present*. New York: Penguin, 1994.

LORDE, Audre. "I Am Your Sister: Black Women Organizing Across Sexualities". In: BLASIUS, Mark & PHELAN, Shane, ed. *op. cit.* p. 475-476

MAYS, Vickie M. I Hear Voices But See No Faces: Reflections on Racism and Woman-Identified Relationships of Afro-American Women. In: BLASIUS, Mark & PHELAN, Shane, ed. *We Are Everywhere: A Historical Sourcebook of Gay and Lesbian Politics*. New York: Routledge, 1997. p. 476.

SYRETT, Harold, C., org. *Documentos Históricos dos Estados Unidos*. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1988.

The Combahee River Collective. "A Black Feminist Statement". In: NARDI, Peter, M. & SCHNEIDER, Beth, E., ed. *Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies: A Reader*. London: Routledge, 1998. p. 521

WALKER, Alice. *The Color Purple*. London: The Women's Press, 1991. p. 13.